

Sobre a Educação Moral em Santo Agostinho

About Moral Education in Saint Augustine

Flávio Henrique de Oliveira Silva¹
André Borges²

Resumo: O presente artigo pretende analisar a concepção de educação moral em Santo Agostinho (354-430). Agostinho criou toda uma filosofia educacional que consistia em um processo de interiorização e aperfeiçoamento moral mediante a iluminação do único mestre, Cristo. O processo de interiorização é de tonalidade educativa, pois somente esse caminho, em perspectiva agostiniana, pode conduzir a purificação do mal moral nos indivíduos e estabelecer apropriados valores do supremo bem. Assim, a formação de um novo homem também assume uma forma concreta de regular a realidade em sua volta. Desse modo, o artigo tem como preocupação evidenciar a educação agostiniana como um movimento transformação moral integral que alcança o indivíduo e o social.

Palavras-chave: Santo Agostinho; Moral; Educação.

Abstract: The present article aims to analyze the conception of moral education in Saint Augustine (354-430). Augustine created an entire educational philosophy that consisted of a process of internalization and

Recebido em 31 de outubro de 2023
Aceito em 21 de março de 2024

¹ Doutor em Teologia pela PUCPR – Bíblia (Exegese/Novo Testamento) – Mestre em Teologia pela PUCPR – Bíblia (Teologia Bíblica/Novo Testamento). É docente do PPG da Faculdade Teológica Sul Americana.

² Doutorando em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) – Doutorando em Filosofia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) – Mestrado em Educação – Filosofia da Educação – e pela Universidade Estadual de Londrina (UEL).

moral improvement through the enlightenment of the only master, Christ. The process of internalization has an educational tone, as only this path, from an Augustinian perspective, can lead to the purification of moral evil in individuals and establish appropriate values of the supreme good. Thus, the formation of a new man also takes on a concrete form of regulating the reality around him. In this way, the article is concerned with highlighting Augustinian education as a movement for integral moral transformation that reaches the individual and the social.

Keywords: Saint Augustine; Moral; Education.

Introdução

A relevância deste artigo está em mostrar como a educação pode e deve ser um viés para a formação moral no ser humano. Desse modo, o conceito de educação trabalhado por Santo Agostinho vem denotar a educação como um processo interior de formação humana. Assim, esse processo não é somente uma proposta de interiorização espiritual, de pura contemplação, mas é um processo de transformação moral, que tem como finalidade o encontro com a verdade iluminada pelo único mestre – Cristo –, encontro que estabelece novos valores morais e a formação de um novo homem, o qual, então, é santificado e alcançado pela graça divina.

Assim, a viabilidade deste artigo está totalmente atrelada ao campo educacional, pois é possível notar que a abordagem de Santo Agostinho reflete até hoje. A visão educacional desse autor tende a contribuir muito para as reflexões sobre educação e aprendizagem humana, e no que diz respeito à moralidade. Portanto, ainda que por meio de uma tematização particular, estaremos a clarificar uma tradição de pensamento – educação moral – e a desvelar a sua continuidade histórica com o presente e com as possibilidades futuras de pesquisa nela enraizadas.

O afastamento para dialogar com o passado [...] também poderá oportunizar um entendimento dos processos de lutas, contradições e transformações da atualidade. Esse ir e vir, presente-passado, traz consigo a exigência de um “exorcismo” das influências e dos preconceitos da dinâmica social presente, tendo em vista o contato com outro

momento histórico, cuja dinâmica social desconhecemos³.

Dessa forma, vale ressaltar também a necessidade e importância de se conhecer mais profundamente, a partir de parâmetros historiográficos, o contexto educacional no século IV e V. Nesse sentido, a recepção do pensamento de Santo Agostinho como referencial de análise se torna profícua, pois suas diferentes obras disponibilizadas na língua portuguesa tratam do referido período.

1. A trajetória educativa de Santo Agostinho de Hipona

Santo Agostinho nasceu em Tagaste, norte da África, em 354 d.C. Sua mãe, *Mônica*, é apontada pela memória cristã como uma mulher piedosa, cristã, que apeteceu vislumbrar o filho no caminho eclesiástico. Já o pai de Santo Agostinho, Patrício, segundo ementas históricas, foi proprietário de terras, que continha simpatia pela religião cristã, porém, não era um assíduo religioso. No que compete à trajetória educativa desse teólogo africano, vale apontar que ele começou os estudos na pequena cidade onde nasceu (*Tagaste*). Visando aprimorar a carreira de orador, mudou-se para cidade de *Madaura*, e tempos depois - com ajuda financeira de um amigo de seu pai - se deslocou para Cartago.

Santo Agostinho chega à cidade de Cartago⁴ aos dezessete anos, onde alcançou múltiplas experiências, aprimorou seus estudos e satisfez seus desejos. Foi exatamente na cidade de Cartago que o pensador africano arranhou novas dimensões para vida acadêmica a partir da filosofia de Cícero⁵. Com o impacto da filosofia de Cícero, Agostinho ampliou suas inquietações, ou seja, o pensador que vivia em prol do aperfeiçoamento retórico, adveio debelar para si o desejo por uma verdade que fosse capaz de satisfazer suas indagações e angústias.

³ PEREIRA MELO, José Joaquim. *Análise das transformações dos comportamentos pagãos a partir do advento do cristianismo: século I a IV d.C.* Maringá: mimeo, 1999, p. 2.

⁴ Na cidade de Cartago o pensador africano obteve relações com uma mulher – a qual obtemos poucas referências através da obra agostiniana - e com ela arrumou seu único filho, Adeodato.

⁵ A obra de Cícero – Hortensius - foi a responsável por causar grande impacto no pensamento de Agostinho de Hipona

Sedento por sabedoria, frequentou o maniqueísmo, seita que através de suas insinuações denotava racionalidade, materialismo e dualismo radical diante a questão do bem e do mal. Santo Agostinho abraçou o maniqueísmo, pois esse oferecia conceder uma doutrina de salvação no nível racional e um espaço também para Cristo⁶.

No tempo de Agostinho o maniqueísmo tinha se espalhado por toda a costa do Mediterrâneo, e seu principal meio de difusão era sua auréola de ser uma doutrina eminentemente racional. Assim como o gnosticismo em épocas anteriores, o maniqueísmo explicava suas doutrinas com base em observações astronômicas. E boa parte de sua propaganda consistia em ridicularizar as doutrinas da igreja, particularmente as Escrituras, cujo materialismo e linguagem primitiva eram objeto de crítica e zombaria⁷.

No entanto, a seita maniqueísta não conseguiu suprir as dúvidas de Santo Agostinho. Desse modo, ele se desvinculou do movimento religioso e passou a dar crédito ao ceticismo e logo depois ao neoplatonismo. Tudo indica que Plotino, Porfírio e também o bispo Ambrósio de Milão foram pensadores neoplatônicos⁸ que mais

⁶ ANTISERI, Dario; REALE, Giovanni. *História da Filosofia*. Vol 1, São Paulo, 2002.

⁷ GONZÁLES, Justo L. *Uma história do pensamento Cristão: de Agostinho às vésperas da Reforma*. Vol II, São Paulo, 1994, p. 161.

⁸ Sobre a influência dos pensadores neoplatônicos sobre Agostinho de Hipona cabe ponderar que; "(...) Plotino (204 - 269 d.C.) foi fundamental para o pensamento de Agostinho, como o mais fiel ao pensamento de Platão. Além disso, outros filósofos foram importantes no pensamento do Santo tais como Cícero, no qual nos deteremos mais adiante; Sêneca contribuiu para o pensamento Agostiniano principalmente no que concerne à questão da interioridade principalmente na obra de Sêneca *De tranquillitate anima*. Os estóicos, nos quais encontramos uma definição do signo lingüístico com uma forte semelhança. Mas, como no próprio testemunho de Agostinho, é à filosofia platônica que recorreu como um instrumento para interpretar o ensinamento cristão. Porém, as fontes diretas eram provavelmente neoplatônicas, mais especificamente de Plotino. Sabemos que Agostinho leu o grego às duras penas e com pouco prazer, e em seu tempo os trabalhos de Platão ainda não tinham sido todos traduzidos para o latim; Plotino chegou

influenciaram a vida e pensamento de Santo Agostinho e foi dessa vertente que Agostinho se converteu ao cristianismo

2. Decadência romana e educação

O contexto agostiniano é marcado pela decadência do mundo pagão – século IV e V – e pela ascensão do cristianismo. Essa decadência está atrelada ao fim do império Romano e as conquistas dos bárbaros no mundo europeu ocidental. Frente a essa realidade, o cristianismo é o movimento que ganha força, pois se intitula como uma resposta perante a esse contexto fragilizado, no qual os homens se encontram ameaçados, buscando uma resposta para tanta maldade que marcam suas vidas. Em virtude dessa situação, a resposta cristã aparece com um discurso de total exclusividade, intitulando-se como a religião que detém o único sentido e resposta verdadeiros para o homem.

Dessa maneira, o cristianismo visa estabelecer uma cultura totalmente cristã e fundamentar uma formação moral humana que tenha como objetivo a santificação do homem. Diante disso, surgem os padres da igreja, os quais carregavam a função de elaborar uma teologia e filosofia que fundamentasse e consolidasse, de uma vez por todas, a religião cristã perante o império romano.

Logo, um dos grandes desafios encontrados nesse período pelos padres – século IV e V – estava perante o equilíbrio entre verdade filosófica – herança da cultura clássica – e verdade cristã, que tinha como fundamento a revelação divina. Para Hamman, o equilíbrio

às mãos de Agostinho de uma tradução de Mario Vitorino, que traduziu também Aristóteles, a Isagoge de Porfírio. Assim, os estudiosos estão geralmente de acordo que as fontes diretas nas quais Agostinho se baseou foram os neoplatônicos, ao invés do próprio Platão”. (FURTADO, 2005, p. 26). Além disso, é notável a reverência que Agostinho expõe ao bispo Ambrósio de Milão em sua obra *Confissões* (2008). Para Peter Brown (2005) o jovem Agostinho foi seduzido ao cristianismo devido caracterizações neoplatônicas que acarretavam o discurso ambrosiano. Tais influências são visíveis nas obras filosóficas de Agostinho: *Contra Acadêmicos* (386), *Cidade de Deus* (413-427), *A vida Feliz* (386), *A Ordem* (386), *Solilóquios* (386-387), *A imortalidade da Alma* (386-387), *A música* (387-391), *O livre Arbítrio* (388-395), *O Mestre* (389), *A verdadeira religião* (388), *Confissões* (397-398) e *Cidade de Deus* (413-427) que, de fato, demonstram a influência neoplatônica.

entre essas duas verdades permitiu ao cristianismo a era de ouro dos padres da igreja⁹.

Frente a essa realidade, a educação vai sendo modelada pelos ideais cristãos. A noção grega educacional – *Paideia* – vai sendo substituída pela *Humanitas*¹⁰, conceito que ultrapassa uma simples designação e tem seus fundamentos no cristianismo. De fato, os padres da igreja estão vinculados a esse processo educacional, pois através de sermões e obras escritas, asseguravam um modelo de formação humana que propendia para um processo de perfeição moral e espiritual. Esse processo visava a uma transformação do homem mediante a aproximação de Deus, pois, somente essa esfera divina, segundo a percepção cristã, teria capacidade de revelar os verdadeiros valores morais para uma vida feliz. Santo Agostinho, dentre todos os padres dessa época, ganha um destaque especial, justamente por ser considerado aquele que desenvolve uma filosofia e teologia de forma própria e autônoma.

[...] devemos esperar, contudo, até o bispo de Hipona para poder deparar com uma teologia ocidental realmente completa, dotada de autonomia e de forma própria. Resume-se nêle, a tal ponto que por importante que tenha sido a contribuição pessoal deste ou daquele, os outros nomes empalidecem ao lado do seu.¹¹

As fundamentações de Santo Agostinho estabeleceram um novo corpo doutrinal¹². Sendo homem de seu tempo, ele soube analisar e

⁹ HAMMAN, A.-G. *Os Padres da Igreja*. 3ª ed. São Paulo: Paulinas, 1990.

¹⁰ O termo *Humanitas* não pode ser denotado de maneira simplista, é uma educação orientada para o fim da formação do homem adulto, e não para o desenvolvimento da criança (MARROU, 1974, p.341). Essa orientação recebe uma conotação totalmente cristã, ou seja, envolve toda uma questão de literatura, filosofia, tradição e cultura.

¹¹ MARROU, Henri-Irénée. *Santo Agostinho e o agostinismo*. Rio de Janeiro: Agir, 1957, p. 156.

¹² Com a obra de santo Agostinho nascia, então, a filosofia cristã, esta tinha o objetivo de denotar a fé como fundamento que antecede a razão. Porém, a razão não é descartada, ao contrário disso, ela é considerada um elemento fundamental para fé. “Toda a parte da filosofia da obra de Agostinho exprime o esforço de uma fé cristã que procura levar o mais longe possível a inteligência de seu próprio conteúdo, com ajuda de uma técnica filosófica cujos elementos principais são tomados do neoplatonismo” (GILSON, 2006, p.145-146).

ver o que não tinha mais sentido para sua realidade, estabelecendo, então, novas interpretações e paradigmas para seu contexto.

Sua superioridade está no reconhecimento de que para a sua geração e para as gerações futuras, nas condições de vida que deviam imperar, as vozes de Platão e do resto eram apenas ecos de um túmulo. Não repudiou a inspiração de Platão, utilizou-a. Mas escolheu apenas aquilo que considerava de valor, adaptou-o às novas condições e fez dele parte da estrutura intelectual que teria sido incompreensível à Academia¹³.

Desse modo, Santo Agostinho assume uma função de educador em seu tempo, suas ideias vão sendo disseminadas através de sermões e obras escritas. Neste sentido, cabe ressaltar que os problemas e soluções desenvolvidos pela ótica agostiniana partem de uma concepção antropológica¹⁴ que concebia o homem como criado, caído e santificado. Devido a essa concepção, Santo Agostinho criou toda uma filosofia educacional que perpassa pela interioridade e santificação do homem.

3. Sobre a educação moral

Em Santo Agostinho, a educação denota todo um processo de interiorização e negação da exterioridade, tendo como finalidade o verdadeiro conhecimento concedido pela iluminação divina. Assim, esse viés interior – homem voltado para dentro de si – implica purificação, negação do corpo, do desejo, ou seja, a santificação do

¹³ BARK, William Carroll. *Origens da Idade Média*. 4^a ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979, p. 103.

¹⁴ A noção antropológica agostiniana obtém influência em demasia da teologia paulina. Sobre a noção de homem - criado, caído, santificado - é notável que os desdobramentos agostinianos são amparados a partir de textos do apóstolo Paulo. Dois textos paulinos corroboram com esse aspecto antropológico; “Com efeito, todos pecaram e estão privados da glória de Deus” (Rm 3:23); “Por isso, como por um só ser humano o pecado entrou no mundo e, por intermédio do pecado, a morte, assim a morte atingiu a todos os seres humanos, porque todos pecaram” (Rm 5:12).

homem. Essa interioridade é um movimento de pura contemplação¹⁵ que promove uma peregrinação do homem material para o homem espiritual.

O homem exterior muda – seja pelo progredir do homem interior, seja por sua própria debilidade. No primeiro caso, será para se transformar inteiramente para melhor, até vir o som da trombeta final quando reencontrará sua integridade. Nunca mais se corromperá nem prejudicará os outros. No segundo caso, cairá no plano das mais corruptíveis das belezas, isto é, nos planos dos castigos¹⁶.

Dessa forma, o recolhimento do homem sobre si, permite um caminho de autorreflexão cujo objetivo é negar toda exterioridade e ser iluminado, pois alcançando a luz divina, o homem encontrará a verdade. Essa interioridade e conhecimento da verdade possibilita que o homem seja purificado do mal moral. Por outro lado, a exterioridade é notada como aquela que permite uma vida intranquila, de paixões mundanas, valores morais desregrados, que desvia o homem da sua finalidade, que é amar a Deus. O processo de interiorização é educativo, pois somente Cristo, o único mestre, pode conduzir e ensinar ao homem a verdade.

¹⁵A ascese que Santo Agostinho aborda não está atrelada a reminiscência platônica: “A posição platônica, portanto, foi superada por Santo Agostinho com sua doutrina da Iluminação” (NUNES, 1978, p.219). Na ótica agostiniana, a alma não foi uma criação desvinculada do corpo. Alma e corpo são criações conjuntas, embora tenham características diferentes. Essa perspectiva agostiniana já o diferencia de Platão, pois a perspectiva platônica concebia as almas como eternas e o corpo como uma criação secundária. Dessa maneira, Platão concebia que a verdade era alcançada por um movimento de recordação de verdades eternas. No entanto, é possível fazer breves apontamentos de semelhança entre Agostinho e Platão no que diz respeito à verdade. Tanto para Agostinho como para Platão a verdade não é algo que está na exterioridade, porém é encontrada pela via interior. Uma segunda semelhança está no fato de que eles não consideram que a razão tenha capacidade de criar alguma verdade. A razão, para esses dois pensadores, é um instrumento que serve o homem para que ele possa alcançar verdades inteligíveis.

¹⁶ AGOSTINHO. *A Verdadeira Religião*. 2^a ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1992, p. 111, 112.

[...] não chame ninguém de mestre na terra, pois o verdadeiro e único Mestre de todos está no céu. E o que há nos céus, no-lo ensinará Aquele que, por meio dos homens, também nos admoesta com sinais exteriores, para que, voltados para Ele interiormente, sejamos instruídos¹⁷.

Nas fundamentações agostinianas, a verdade jamais poderá ser encontrada na exterioridade ou ser ensinada por alguém, pois as percepções sensíveis não têm como função viabilizar qualquer verdade. Há toda uma abordagem agostiniana do conhecimento sensível que está atrelada a linguagem¹⁸ e memória¹⁹. Os conhecimentos obtidos pela sensibilidade e pela percepção, para esse pensador, são caracterizados como instáveis, porque não contêm estabilidade e permanência e estão ligados às necessidades do corpo. São conhecimentos que estimulam o homem a uma autorreflexão, mas não ao conhecimento do verdadeiro²⁰.

Desse modo, a verdade está em uma condição inteligível, não está no mundo, não é humana, transcende o homem. É um erro querer obter uma verdade exterior ao indivíduo²¹. Por isso, o homem necessita se voltar para dentro de si, pois essa iluminação divina

¹⁷ AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Martin Claret, 2008, p. 409.

¹⁸ No âmbito do conhecimento sensível, a linguagem é considerada como mediação entre sujeito e coisa (objeto). Assim, só pode ser considerado signo nessa teoria o que expressa o significado de um objeto. A palavra solta sem o significado de um objeto perde sua essência e torna-se ruído. Porém, a aprendizagem do conhecimento sensível, para esse filósofo, está no contato do sujeito com o objeto, e a linguagem tem somente a função de mediar essa relação, estabelecendo o significado do objeto para o sujeito.

¹⁹“Portanto, nós levamos nos penetrais da memória as imagens como documentos das coisas anteriormente percebidas; contemplando-as com reta intenção na nossa mente, não mentimos quando falamos. Mas estes são documentos só para nós, pois aquele que nos ouve, se percebeu ou teve presentes as coisas, não as aprende pelas minhas palavras, mas as reconhece mediante as imagens que também ele levou consigo; se, no entanto, nunca as percebeu, quem há que não veja que ele mais do que aprende, crê nas palavras” (AGOSTINHO, 1980, XII, p. 39-40).

²⁰ RUBANO, D. R.; MOROZ, M. O conhecimento como ato da iluminação divina: Santo Agostinho. In: ANDERY, M. A. et al. *Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica*. 10. ed. Rio de Janeiro: Garamond; São Paulo: EDUC, 2001.

²¹ PESSANHA, J. A. M. Vida e Obra. In: AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Coleção Os Pensadores).

somente é possível “através das vias internas da alma”²². O conhecimento inteligível, que é imutável, verdadeiro, só poderá ser desvendado pela alma quando ela for iluminada por Deus. A alma irá assumir uma função singular nesse processo de aprendizagem interior, uma vez que é concebida como “substância dotada de razão, apta para reger um corpo”²³. Além disso, a alma, segundo o olhar agostiniano, é a única que é considerada imagem e semelhança de Deus: “É evidente que nem tudo o que dentre as criaturas é semelhante a Deus pode-se denominar sua imagem, apenas o é a alma, à qual unicamente Deus lhe é superior. Só a alma é a expressão de Deus, pois natureza alguma se interpõe entre ela e ele”²⁴.

Dessa maneira, o processo educativo de interiorização procura criar condições para que a alma domine o corpo²⁵, a mente, a vida como na totalidade. A alma carrega em si as verdades divinas, ela tem essa função intermediária de fazer com que as verdades recebidas pela luz divina resplandeam como um todo na vida moral do homem.

Se durante a etapa de sua vida humana, a alma vence as cobiças com que se nutriu pelo gozo das coisas perecedoras, se ela crê que para as vencer Deus a ajuda com o socorro de sua graça, e se submete a ele, em espírito e de boa vontade, então, sem dúvida alguma, ela será regenerada. Da dissipação de tantas coisas transitórias, voltará ao Uno imutável²⁶

²² CAPORALINI, J. B. *Reflexões sobre O Essencial de Santo Agostinho*. Maringá: Chicletec, 2007, p. 44.

²³ AGOSTINHO. *Sobre a potencialidade da alma*. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 67.

²⁴ AGOSTINHO. *A Trindade*. São Paulo: Paulus, 1994, p. 349.

²⁵ Temos que ressaltar que o homem só pode ser concebido na visão agostiniana quando é constituído de corpo e alma. Sem essa constituição não é possível conceber o homem pelo olhar desse filósofo. Dessa maneira, segundo a antropologia de Agostinho, o corpo foi criado por Deus para evidenciar exterioridade – visibilidade – ocupar lugar em um espaço. Portanto, para esse autor, o corpo é um elemento que sofre alterações ao longo do tempo. O corpo assume certa fragilidade para ele, devido ao pecado original: “Relativamente ao corpo humano, era ele excelente em seu gênero, antes do pecado. Depois, porém, tornou-se débil e destinado à morte” (AGOSTINHO, 1992, p. 60). Nessa condição, o corpo é aquele que sempre irá sofrer males humanos.

²⁶ AGOSTINHO, 1992, p. 56.

Por esta razão, a alma tem a função de vivificar o homem. A questão aqui não é fazer com que o homem se veja livre do corpo, mas que a alma assuma sua função de controlar e espiritualizar toda a exterioridade corporal. O grande dilema para Santo Agostinho é quando o corpo²⁷ assume controle da alma e os valores morais pautados na exterioridade conduzem à vida humana, pois é quando isso ocorre, que o homem experimenta a degradação, perversão, ou seja, as consequências do pecado original.

Além disso, vontade e razão assumem uma função muito importante no processo de interiorização. É necessário vontade e exercício intelectual para o conhecimento de si e também para lutar contra o pecado. Essas duas dimensões – vontade e razão – jamais possibilitam o conhecimento da verdade, porém são necessárias no processo autoeducativo e de crescimento interior. A vontade e a razão são auxiliadas pela graça divina justamente para uma purificação moral e para a submissão do corpo à alma.

A alma humana, porém, não adere ao corpo, e pela racionalidade e a inteligência, potências superiores ao sentido corporal, é superior ao corpo, dele tende a se desligar por sua potencialidade, e se dirige mais aos bens interiores do espírito [...]. Aconselha-se à alma não se apegar aos sentidos além do absolutamente necessário²⁸.

No entanto, por mais que a interiorização agostiniana aponte para um viés da transcendência, ela assume uma forma concreta de regular a realidade a sua volta – as relações sociais, comunidades, comportamentos – estabelecendo valores e configurando uma identidade e perfil cristão, a partir da verdade revelada pelo único mestre, Cristo.

Dessa forma, a educação agostiniana é um movimento que promove uma transformação moral integral, realizando mudança qualitativa no indivíduo e, também, no sistema social em que as pessoas vivem. Assim, para Santo Agostinho, o homem é um ser criado por Deus e que tem valores morais que precisam ser desenvolvidos pela educação – essa que transcorre pela interioridade

²⁷ No que tange a questão de corpo, desejo e aspectos morais é notável a influência das ideias do apóstolo Paulo de Tarso. “De fato, não faço o bem que quero, mas pratico o mal que não quero” (Rm 7,19)”.

²⁸ AGOSTINHO, 1997, p. 130.

– pois, somente nessa dimensão, consegue sanar seus próprios valores – deturpados pelo pecado – desejos, angústias e medos. Uma vez que encarnada as verdadeiras virtudes iluminadas pelo mestre, o homem passa a desenvolver uma boa conduta, justa, honesta, ética, de valores que somente Cristo pode impregnar na alma humana.

Assim, o encontro com a verdade iluminada é instrumento para o crescimento interior, da alma, e também é crescimento para a conduta social, pois esse processo educativo promove um desenvolvimento de potencialidades espirituais e morais, estabelecendo, assim, uma certa equação com o mundo e com os valores exteriores.

Conclusão

O pensamento de Santo Agostinho implica em predisposição à aprendizagem sobre mentalidade educacional e moral. Sua contribuição sobre aspectos formativos da pessoa humana é vigorante tradicional e, academicamente, seus escritos são considerados *antigos*, entretanto a leitura dele continua impulsionando grupos de educadores na atualidade. Seus pensamentos e suas ideias firmaram-se na cronologia temporal e têm permanecido válidos e correntes em muitas propostas pedagógicas e círculos de reflexão.

Entre os pensadores cristãos que ousaram escrever sobre educação, Santo Agostinho é por excelência o representante entre eles: versava em estudos da história, da teologia, da filosofia e de pertinência pedagógica. Neste último, suas reflexões conduziam ao entendimento acerca da formação da personalidade humana, ou melhor, sobre os aspectos constitutivos do ser humano (social e cultural).

Suas obras trataram de questões antropológicas, epistemológicas, éticas, morais, entre outras, cujo impacto foi sentido aos contemporâneos da sociedade medieval, bem como ecoaram até a modernidade, subiu aos ouvidos dos reformadores, de quem Martinho Lutero (1483-1546) se sentiu beneficiado, e chegou ao mundo hodierno alcançando os renomados John David Caputto (1940), Slavoj Zizek (1949), Giorgio Agamben (1942), Gianni Vattimo (1936 -2023), entre outros.

Referências

AGOSTINHO. *O livre-arbítrio*. São Paulo: Paulus, 1995.

AGOSTINHO. *Solilóquios & A vida feliz*. São Paulo: Paulus, 1998.

- AGOSTINHO. *A Verdadeira Religião*. 2ª ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.
- AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Martin Claret, 2008.
- AGOSTINHO. *Sobre a potencialidade da alma*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- AGOSTINHO. *A Trindade*. São Paulo: Paulus, 1994.
- ANTISERI, Dario; REALE, Giovanni. *História da Filosofia*. Vol 1, São Paulo, 2002.
- BARK, William Carroll. *Origens da Idade Média*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.
- BROWN, Peter. *Santo Agostinho: uma biografia*. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- CAPORALINI, J. B. *Reflexões sobre O Essencial de Santo Agostinho*. Maringá: Chicletec, 2007.
- FURTADO, Alex Campos. *A Metafísica da linguagem no De Magistro de Santo Agostinho* – Rio de Janeiro: PUC Rio, Departamento de Filosofia, 2005.
- GILSON, Étienne. *Introdução ao estudo de Santo Agostinho*. São Paulo: Paulus, 2006.
- GONZÁLES, Justo L. *Uma história do pensamento Cristão: de Agostinho às vésperas da Reforma*. Vol II, São Paulo, 1994.
- HAMMAN, A.-G. *Os Padres da Igreja*. 3ª ed. São Paulo: Paulinas, 1990.
- JAEGER, Werner. *Cristianismo primitivo e paidéia grega*. Lisboa: Edições 70, 2002.
- _____. *Paidéia: a formação do homem grego*. São Paulo: Martins Fontes, 1979.
- MARROU, Henri-Irénée. *Santo Agostinho e o agostinismo*. Rio de Janeiro: Agir, 1957.
- _____. *História da Educação na Antiguidade*. São Paulo: E.P.U.-EDUSP, 1974.
- NUNES, R. A. C. Santo Agostinho e a educação. In: _____. *História da Educação na Antiguidade Cristã*. São Paulo: EPU, 1978.
- PEREIRA MELO, José Joaquim. *Análise das transformações dos comportamentos pagãos a partir do advento do cristianismo: século I a IV d.C*. Maringá: mimeo, 1999.
- PESSANHA, J. A. M. Vida e Obra. In: AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Coleção Os Pensadores).
- RUBANO, D. R.; MOROZ, M. O conhecimento como ato da iluminação divina: Santo Agostinho. In: ANDERY, M. A. et al. *Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica*. 10. ed. Rio de Janeiro: Garamond; São Paulo: EDUC, 2001.

SESBOÛÉ, Bernard. “Apresentação”. In: _____ (dir.). *O Homem e sua salvação: séculos V-XVII*. São Paulo: Loyola, 2003 (História dos Dogmas, 2).